

A QUÁDRUPLA ESCRAVIDÃO E COMO LIBERTAR-SE

Swami Paratparananda¹

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – julho de 1965²

I

A vida do homem comum na terra é uma desesperada dependência das circunstâncias. **Ele tem vários mestres a servir: aqueles sob quem trabalha, aqueles a quem deve obrigações, suas próprias paixões e, por último, o ego.** Entre estes, as paixões são os piores tiranos; elas exigem dele toda a sua energia e não o deixam por isso, mas continuam a atormentá-lo. Os sentidos do homem estão na raiz de todas as paixões; os olhos anseiam por objetos belos, o ouvido por sons doces e assim por diante, e estes sentidos nunca se satisfazem. Eles parecem estar satisfeitos por um tempo, mas não há como aplacá-los. Sem qualquer compunção, eles repetem suas demandas. Sua fome é enorme. Eles fazem o homem trabalhar como um escravo, como o boi que está amarrado ao jugo do moinho de óleo nativo. Atormentado pelo punhado de grama que pende à sua frente, o boi, para alcançar aquele pedaço de comida cobiçado, faz funcionar o moinho dia após dia, mas nunca obtém a iguaria prometida. Da mesma forma, o homem, esperando felicidade, mói este moinho do mundo como um escravo. Mas a pena é que, mesmo quando ele se torna consciente de sua condição, consciente de que está apenas sendo usado como um instrumento, consciente de que ele mesmo está sendo esmagado no moinho, é incapaz de sair dele. Ele se encontra amarrado pelos pés e mãos, por assim dizer. Ele descobre que a chama dos desejos que ele mesmo acendeu está queimando-o por completo. Então ele clama: Não há saída? Sua verdadeira busca começa então.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês *The Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

² Tradução do editorial em inglês, *The Four-fold Bondage and Release Therefrom*.

II

Vamos tentar entender a reação do homem, através dos tempos, a esta escravidão quádrupla, a saber, à natureza, aos parentes e semelhantes, aos sentidos e ao ego. O homem tentou de várias maneiras superar a natureza externa. Ele saiu da caverna e construiu cidades e metrópoles para se libertar do medo das feras ferozes e dos caprichos da natureza em constante mudança. Ele superou o calor e o frio por vários métodos. Ele fez a natureza entregar seus segredos abundantemente. Então, em um sentido, podemos dizer que o homem foi bem-sucedido em conquistar a natureza exterior. No entanto, uma grande questão permanece a ser respondida: Quantos foram realmente beneficiados?

Talvez em alguns países tenham tido sucesso em quebrar o apego do homem aos parentes e semelhantes. Mas se isso melhorou a natureza do homem em viver pacificamente com seus vizinhos, é uma questão em disputa.

Mas quando a humanidade é considerada como um todo, a natureza interior do homem, isto é, a predominância dos sentidos e do ego sobre o homem, permaneceu quase no mesmo nível de milhares de anos atrás. A civilização não melhorou essa natureza de forma apreciável. Agora, considere o que se segue: mil anos atrás, duas nações teriam lutado e resolvido qualquer disputa em alguns dias ou meses. Mas hoje, embora a guerra 'quente' tenha diminuído, ela foi substituída pela guerra fria. As nações têm medo de confiar umas nas outras. Portanto, cada uma está tentando construir suas defesas ao máximo de sua capacidade, com o resultado de que a receita que normalmente deveria ter ido para a estrutura econômica de uma nação vai para a máquina de guerra. Mas não há saída. Nenhuma nação pode, sem perigo para sua própria sobrevivência e integridade territorial, ousar negligenciar o acompanhamento de outras em relação aos armamentos, especialmente os de seus vizinhos. Então, esta guerra fria continua e continua. Situação semelhante ocorre em todos os outros campos dos contatos do homem, na família e na sociedade. Então, onde está a mudança? Portanto, considerar a questão da mudança de natureza no homem tomada no plano coletivo é de pouco proveito. Vamos nos restringir ao homem como um indivíduo, pois se em uma sociedade surgisse um número suficiente de bons indivíduos, essa sociedade pode acabar sendo benéfica não apenas para si mesma, mas para o mundo como um todo.

III

Vimos o quanto o homem é prejudicado. Cada indivíduo que busca dominar sua natureza inferior, portanto, tem que travar sua própria

batalha. Mas o que a humanidade lhe deu como legado não é argila macia, mas rocha dura. Desta rocha dura, ele tem que cortar sua imagem e, de acordo com seus instrumentos, isto é, sua mente e tendências inerentes, serem afiados e sólidos, e seus esforços nessa direção serem incessantemente contínuos, regulares e inabaláveis, nessa medida a imagem que ele esculpir também se provará atraente e divina. Mas como esculpir essa imagem? Em outras palavras, como alcançar esse domínio perfeito sobre nossa natureza inferior? Há uma grande diferença aqui entre os mundos externo e interno. No mundo externo, podemos, se tivermos riqueza suficiente, empregar o melhor escultor ou pintor para fazer nosso trabalho por nós. Mas na esfera interna, no caso da mente, ordinariamente, ninguém pode ajudar, ninguém pode tirá-lo do atoleiro. Você tem que encontrar seu próprio caminho para fora do labirinto. É como o bicho-da-seda que constrói seu casulo ao redor de si. Ninguém pode ajudá-lo a quebrar sua casa. Mas se ele pretender sair, pode, na forma de uma bela borboleta, fazê-lo. Se o homem anseia ardentemente e faz esforços sinceros, ele pode quebrar este cativeiro quádruplo. Mas o caminho é difícil e requer imensa paciência. É como caminhar no fio afiado de uma navalha. Deve-se estar sempre alerta. Essa tem sido a experiência dos sábios que percorreram o caminho.³ Pois, no caso do homem comum, os apegos se insinuam de várias maneiras e, uma vez que o dominam, não o deixam facilmente. A história de *Jadabharata*, no *Mahabharata*, é apropriadamente ilustrativa deste fato. Deixando seu reino e riqueza, Bhārata havia se retirado para uma floresta para viver em contemplação de Deus. Lá ele encontrou um filhote de veado que havia acabado de ser parido por sua mãe na margem de um riacho e estava sendo carregado pela correnteza. Sua mãe havia morrido de susto ao ouvir o rugido de uma fera feroz. Movido pela piedade, Bhārata resgatou o veado e pensou que seria cruel deixá-lo na floresta sem ninguém para cuidar dele. Ele o criou com amoroso cuidado. Mas quando ele cresceu, o impulso nativo do animal o levou para a floresta; todo o amor que o sábio havia derramado sobre ele não pôde detê-lo. O sábio ficou com o coração partido e perambulou pela floresta chamando o veado por seu nome de estimação, mas ele nunca retornou. O pensamento do veado, no entanto, continuou a assombrá-lo e quando ele morreu, sua última palavra proferida foi o nome do veado e seus últimos pensamentos foram dele. Tal é o apego. O rei, apesar de sua correta resolução, não pôde se conter de se apegar.

Agora, pode-se perguntar: Como, então, viver no mundo? Sri Ramakrishna nos deu a prescrição. Ele disse aos chefes de família: “Vivam como uma empregada doméstica na casa de um homem rico. Ela cuida dos filhos de seu mestre e os chama de meu Ram, meu Shyam e os trata como

³ Katha. Up. 3.14.

seus, mas o tempo todo ela sabe que seus próprios filhos estão lá em sua aldeia natal.” Mas esta ideia só se enraíza pela longa prática da discriminação e do desapego. Quando alguém é capaz de se desapegar da coisa mais querida sem o menor estremecimento em seu coração, pode viver como um mestre. As circunstâncias externas falharão então em produzir qualquer impressão duradoura em sua mente.

Esta discriminação é a âncora mestra da vida espiritual. É a faculdade que faz o homem escolher o caminho certo e descartar o vicioso. Os sentidos apresentam ao homem um panorama de objetos e sensações, o que faz com que desejos surjam. É a discriminação que diz se você pode cumprir esses desejos sem qualquer detrimento à sua saúde espiritual. Se você sabiamente se submeter aos ditados da discriminação, você está seguro, caso contrário, você se envolve em dificuldades insuperáveis.

Todos os sábios declararam inequivocamente que o desejo está na raiz de todo mal. O Buddha disse que *tanha* (*trishna*) pelas coisas do mundo era responsável pelas misérias do homem. Sri Krishna diz: “Este *kama* (desejo), esta raiva, é produzido pelo *Rajoguna*. Tem um grande apetite (*mahashana*) e é o mais pecaminoso (*mahapapma*). Saiba que aqui (neste mundo) ele é seu inimigo.”⁴ Aqui, desejo e raiva são agrupados como um só. Pois a raiva é o desejo obstruído. Todas as outras paixões podem ser ditas como descendentes deste desejo. Como observa o *Gita*, “O homem que pensa sempre sobre objetos sensoriais fica apegado a eles. Do apego surgem os desejos, e quando os desejos são obstruídos, a raiva brota; a raiva nubla a mente. Uma mente obscurecida (enfeitiçada) perde o controle da memória (do que é bom e do que é mau). Com a perda da memória, falha-se em comandar o poder de discriminação e, conseqüentemente, perde-se o controle da vida espiritual.”⁵ Aqui temos uma pista de como o homem se torna cada vez mais um escravo de suas paixões, e indiretamente temos uma dica do que deve ser evitado por um aspirante espiritual.

Outra grande influência na mente da geração atual é sua obsessão pela razão e lógica e a filosofia relacionada. A filosofia, como meras proposições intelectuais, sem sua prática, pode ser boa para um pedante, para um pedagogo e para alguém que quer ganhar nome, fama e riqueza. Mas no que diz respeito à vida religiosa, seu uso para o homem é muito limitado. Um mero *pundit* não pode ter paz para si mesmo, para não falar de ser capaz de concedê-la aos outros. Sua paz, se é que deve encontrá-la, deve estar no que o comum dos homens também experimenta, ou seja, nos prazeres sensoriais. Mas isso é exatamente o que um aspirante espiritual tem que evitar e tentar romper. Vã é a esperança de um homem, se ele

⁴ Bhagavad Gita, III. 37

⁵ *Ibid.* II. 62 & 63.

pensa que pode alcançar o cume da vida espiritual apenas teorizando sobre a Realidade sem viver uma vida pura e imaculada e fazer práticas [espirituais] assíduas e árduas. Se alguém quer acreditar em uma pessoa que defende viver qualquer tipo de vida, mas faz algumas ginásticas intelectuais sobre filosofia, pode bem ter certeza de que espiritualmente sua ruína é certa e selada. Pois mesmo no mundo ordinário, a humanidade não confia em um homem desprovido de integridade para estar à frente dos assuntos de um governo ou mesmo de um estabelecimento, o que então dizer da vida espiritual! Vamos nos guardar de tais lobos em pele de cordeiro que vêm nos aconselhar dessa maneira.

IV

Tendo apontado as armadilhas, veremos qual é o caminho para quebrar esses grilhões e nos tornarmos mestres de nós mesmos. O homem, desde sua primeira aparição na terra, lutou pela liberdade. Swami Vivekananda diz que não só o homem, mas o esforço de todo ser é recuperar sua liberdade. Porque, em essência, todo ser é aquele Brahman que é livre e eterno. Todos os seres de alguma forma caíram desse estado de liberdade e, portanto, estão lutando para voltar a ele. Dois tipos de pessoas tentaram de duas maneiras diferentes obter essa liberdade. O Ocidente concentrou seus esforços no mundo externo, enquanto no Oriente, na Índia, nossos sábios, tendo explorado as regiões da vida exterior, descobriram que a liberdade não deveria ser procurada lá. Eles encontraram outro mundo dentro de si mesmos, inexplorado, intocado e vasto. Controlando-o, eles perceberam, o homem poderia viver como um mestre e, eventualmente, ser livre deste 'círculo do retorno'.

Mas esta palavra 'mestre' tem um apego peculiar para um homem comum. Imediatamente traz à sua mente a imagem de um homem com muitos servos e vasta riqueza. Mas esta não é a forma adequada de um mestre. Pois o controle sobre os outros pode nos dar satisfação momentânea, mas não pode nos dar a paz. Até mesmo os ditadores têm suas quedas e, enquanto governam, vivem com medo mortal em suas vidas. Mas controlar o próprio corpo, os próprios sentidos e a mente e voltá-los para Deus é tornar-se o verdadeiro mestre, ser livre de qualquer medo. O homem então não se importa com nada. Nada perturba sua paz. Foi isso que nossos sábios descobriram. E esse domínio, disseram eles, deve ser alcançado se alguém quiser paz e bem-aventurança duradouras.

Além disso, a mansão do corpo do homem é construída de um material altamente inflamável e explosivo. É isso que ele esquece. Sri Shankara, observando a situação lastimável do homem, diz em seu *Vivekachudamani*: "O veado, o elefante, a mariposa, o peixe e a abelha, cada um deles morreu por seu apego a um ou outro dos cinco sentidos, a saber,

som, etc., respectivamente. O que então está reservado para o homem que está apegado a todos os cinco sentidos!"⁶ Diz-se que o veado está enamorado pela música. Mesmo que esteja cercado de perigo, no momento em que ouve o som doce da flauta, ele para, paralisado no local, e então é lentamente, sem seu conhecimento, atraído pelo som. É assim, acredita-se, que os caçadores costumavam pegar o veado. Da mesma forma, os outros animais são atraídos por seus respectivos sentidos dominantes. Mas o homem é um escravo de todos os cinco. Quão cuidadoso ele não deveria ser, então, para não se enredar ou ser enlaçado por eles! Não há maneira de controlar os sentidos a não ser ao não se entregar a eles. Não lhes dar qualquer corda, curta ou longa. Não se deve dar qualquer oportunidade para que eles ocupem a mente. Deve-se estar sempre engajado em bons trabalhos, bons pensamentos ou pensamento em Deus.

Sri Ramakrishna recomendou repetir o nome do Senhor como o remédio mais eficiente para o mal dessas paixões. Ele disse ainda: "À medida que você vai para o leste, o oeste fica para trás. À medida que o homem progride em direção a Deus, suas paixões caem dele." Agora, lembrar de Deus, uma Entidade Desconhecida para uma grande parte da humanidade, é realmente um grande problema. A maioria das pessoas não O viu, como então podem se recordar d'Ele? Novamente, as pessoas só podem se lembrar das coisas que viram e às quais estão apegadas. Como podem amar a Deus a quem não viram? Verdade, não é possível de uma só vez, mas, por outro lado, esta atração física não dura; o amor no mundo murcha e desmorona depois de um tempo. As coisas do mundo são transitórias; hoje elas estão, amanhã não estão. Nada é permanente. Aflição e alegria se alternam. Amor e ódio se seguem um ao outro. Sri Shankara tem um verso requintado descrevendo a natureza do comportamento humano: "Enquanto o homem é capaz de ganhar dinheiro, por tanto tempo a família o respeita e o considera, mas quando o corpo se torna fraco e decrepito, ninguém na família pergunta sobre seu bem-estar."⁷ E isso é literalmente verdade na maioria dos casos. Então, o homem deve se preparar para a desilusão se não quiser perder o ânimo no final. Se ele se lembrar desses fatos, sua perspectiva de vida mudará. Ele então se voltará para uma fonte superior de consolo que nem lhe falha em sua necessidade nem faz qualquer exigência. Esta lembrança constante do Supremo entusiasmará o homem com novo vigor para lutar contra sua natureza inferior; então as tentações começarão a ter cada vez menos efeito sobre ele.

Há, no entanto, altos e baixos na vida espiritual também. Não é de forma alguma uma navegação suave. Para superar o tempo ruim, o homem deve recorrer à companhia santa. A companhia dos santos dá um novo

⁶ Vivekachudamani, 76

⁷ Mohamudgara, 5

fôlego à sua vida para seus espíritos caídos. Destes homens santos, ele fica sabendo que essas fases de depressão têm que ser passadas por todo aspirante e não são barreiras intransponíveis, como parecem ser à primeira vista. O praticante tem que perseverar até atingir o objetivo. Isto é o que o *Gita* chama de prática contínua. O *Gita* dá um lugar alto para a prática na vida religiosa. Diz que *abhyasa* e *vairagya* (renúncia) são as duas maneiras de controlar a mente.⁸ Além disso, o *Gita* declara: “A mente instável deve ser repetidamente trazida sob controle, embora possa se desviar do Ser de tempos em tempos.”⁹ Não há outra maneira de subjugar a mente senão esta. Quando a mente se torna tranquila, livre de todas as impurezas e não é perturbada por nada, então o homem se torna um com a divindade. Só então ele pode ser o mestre, não de outra forma.

A pureza da mente, o *sine qua non* da vida espiritual, pode ser alcançada por vários meios: (1) vivendo com uma alma realizada ou homens santos e servindo-os com sinceridade e devoção, (2) por boas ações, (3) por oração, (4) por repetir o nome do Senhor, (5) por meditação, e (6) por yoga. A menos que a mente seja pura, o reflexo do Divino não será perfeito no homem; aparecerá distorcido. É por isso que o homem vê o mal em toda parte. Quando o homem se torna um com o Divino ou vê o Senhor, para usar a fraseologia do devoto, ele se livra de toda escravidão. Isto tem sido repetidamente enfatizado nos *Upanishads*. E quando as correntes são quebradas, o homem se torna mestre de si mesmo.

E esse é o estado mais cobiçável. Podemos nos mover inconscientemente em direção a ele e dar passos falsos na tentativa e retardar nosso progresso. Mas para se mover consciente, intencionalmente e deliberadamente, o homem deve ter uma visão clara de seu objetivo e dos meios que vai adotar para alcançá-lo e, então, sem impedimento ou obstáculo, manter-se firmemente em seu caminho. Se ele for bem-sucedido em sua tentativa, mesmo enquanto estiver progredindo no caminho, ele estará em paz e bem-aventurado, apesar da forte tensão a que estará sujeito, mesmo assim ele sentirá que é mestre, livre e sem impedimentos. Em suma, para viver como um mestre, não é necessário montes de riqueza, ou prole, ou servos, mas de domínio sobre a própria mente e completa identificação com Deus.



⁸ Ibid., VI.35.

⁹ Ibid. VI 23.